

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS DO BERÇÁRIO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A MUSICALIDADE

Amanda Freitas Fernandes¹
Linda Beatriz Franco Higino²
Edilma Bandeira de Araújo Nogueira³
Marinalva da Silva Ferreira⁴

RESUMO

A Educação Infantil é hoje, a porta de entrada das crianças nos espaços educativos, muitas vezes quando ainda bebês, devido às demandas, existentes das famílias, referentes ao mundo do trabalho. Diante dessa realidade, abordaremos análises feitas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, com foco nas interações entre crianças do berçário e rotinas, encontradas no dia a dia na instituição, direcionadas a musicalização e contação de histórias. O objetivo geral desta pesquisa está em refletir, a partir da contação de histórias e da musicalização, sobre a interação e a expressividade das crianças da turma investigada. O estudo foi fundamentado em autores como: Oliveira (2013), Pimenta e Lima (2014) e Abramovich (2009) que embasaram as reflexões/ações feitas durante o período de estágio. A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativa, pois, requer uma reflexão científica a partir da realidade do campo por meio dos instrumentos de observação participante. Como resultado percebemos que a musicalização e a contação de histórias conseguiam envolver e chamar a atenção das crianças até em momentos de muito estresse, em que muitas vezes o colo e afeto não eram suficientes para acalmá-las e/ou estimulá-las.

Palavras-chave: Rotinas; Expressividade; Musicalização; Afetividade; Narrações.

1 INTRODUÇÃO

Na última década, estudos têm apontado a importância da interação da criança por meio do desenvolvimento de atividades que envolvem a contação de histórias e a musicalidade voltados à aprendizagem infantil como parte de estratégias fundamentais para o desenvolvimento integral dos pequenos. Desse modo, a temática discutida nessa produção, foi escolhida a partir da observação das situações de aprendizagem orientadas pela professora regente e das desenvolvidas pelas estagiárias na turma de berçário, objeto de investigação do Estágio Supervisionado em Educação Infantil.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia no CCHSL da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Email: amandafernandes.20200001524@uemasul.edu.br

² Acadêmica do curso de Pedagogia no CCHSL da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Email: lindasilva.20200001220@uemasul.edu.br

³ Mestra em Formação Docente em Práticas Educativas – PPGFOPRED/UFMA, Professora do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (CCHSL/UEMASUL). E-mail: edymanogueyra38@gmail.com;

⁴ Mestra em Ensino pela Universidade do Vale Taquari – UNIVATES, Professora do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (CCHSL/UEMASUL). E-mail: marinalva.ferreira@uemasul.edu.br

Durante o estágio foi perceptível que nem todas as atividades propostas eram recebidas com entusiasmo pelas crianças e não se percebia o envolvimento e interesse das mesmas, mas que ambos respondiam bem durante a contação de histórias e musicalização, e daí surgiu nosso interesse pela temática e procuramos responder ao seguinte problema: como a contação de histórias e a musicalização, contribuem para a interação e a expressividade das crianças da turma investigada? Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa está em refletir, a partir da contação de histórias e da musicalização, sobre a interação e a expressividade das crianças da turma investigada

Para o alcance do objetivo geral, traçamos outros mais específicos a saber: compreender como acontece a primeira experiência escolar dos bebês e crianças bem pequenas na Educação Infantil, bem como, as rotinas estabelecidas em sala de atividades; observar e refletir sobre o estágio na formação do professor e a relação em sala com as crianças; refletir sobre as experiências vivenciadas na sala do berçário com foco na musicalização e contação de histórias.

Para fundamentação teórica, buscamos autores como Barbosa (2009) e Oliveira (2013) que discutem sobre a necessidade da rotina na educação infantil e como o desenvolvimento cognitivo e afetivo são indissociáveis; Abramovich (2009) e Brécia (2003) ao afirmarem que a contação de história e a música podem desenvolver o imaginário e responder questionamentos infantis, além de desenvolver a afetividade e cumplicidade entre quem conta e quem escuta, e a ritmicidade na fala e no corpo e os estudos de Pimenta e Lima (2014) que falam sobre a ação docente como forma de intervenção na realidade social, dentre outros autores.

Quanto à abordagem esta pesquisa é de caráter qualitativo que segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 43) é “[...] um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”, pois foi realizado por meio de pesquisa de campo, por meio da observação participante artificial, que segundo Gil (2008, p. 103) “quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação. Na observação artificial, o observador depara-se geralmente com mais problemas que na observação natural.”

Assim, organizamos esta pesquisa da seguinte forma: na introdução contextualizamos a proposta principal para a escrita desse trabalho; no tópico dois abordamos sobre a primeira experiência das crianças na Educação infantil e como se deu o processo de adaptação na turma do berçário. Na conclusão expomos os resultados obtidos, entre eles a constatação de que a música e a história, trazem respostas positivas não só como métodos de ensino, mas como momento de relaxamento e tranquilização das crianças, buscou-se propostas que viessem a estimular a expressividade das crianças, por suas reações emocionais, gestos que eram presentes como maior comunicação. A escolha de atividades, foram feitas para serem realizadas por elas, desenvolvendo suas habilidades de coordenação motora em sua maioria buscando desenvolver e estimular.

2 A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISES DAS ESTAGIÁRIAS

A formação dos indivíduos é composta por muitas etapas. O berçário é o ponto inicial de convivência e interação no espaço educativo. Assim, na turma observada foi notado que esse processo ocorre consideravelmente, pois o contato entre as crianças é bem desenvolvido,

principalmente em atividades com participação de todas ou até mesmo com turmas de crianças maiores.

Nesse sentido, como uma maneira de se trabalhar as diferentes fases do desenvolvimento, a construção da linguagem e a afetividade das crianças é importante que as relações sejam desenvolvidas de maneira que esse processo se dê não só com seus pares da mesma idade, mas com os demais, estimulando assim uma experiência com as diferentes fases da infância, bem como de forma individualizada, contribuindo assim, para a construção da identidade dos indivíduos. Pois, como afirma Vigotski, (1991, p.41), “[...] cada função no desenvolvimento da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e mais tarde no nível individual; em primeiro lugar, entre as pessoas (interpsicológico), e, em seguida, dentro da criança (intrapicológico)” sendo assim, podemos dizer que as habilidades psicológicas e cognitivas são também obtidas por meio de troca e convívio com outras pessoas.

Nesse entreposto, para nossa análise, indagamos, como identificar as maneiras de associar e desenvolver atividades coletivas e individuais com crianças pequenas? A criança aprende não apenas no ensino, mas o que ela vê na ação da professora e dos demais sujeitos que estão no ambiente, e acaba por repetir essas práticas. Quando a professora chama a atenção de uma criança e outra está vendo, existe a probabilidade de ela expressar o ato em outra situação, como ocorreu em nossa observação. Foi onde observamos que há a apropriação de informações e ações do mundo adulto para recriação no mundo infantil, conforme descreve Corsaro (2011).

O estímulo de contato com as demais crianças em atividades desenvolvidas pela professora foi observado em dois pontos: a abordagem do ensino didático e metodológico da professora, como também suas estratégias de manter a sala em ordem direcionando às crianças avisos sobre o que podem, ou não, fazer. Segundo Oliveira (2013, p.38).

As ações que apontam significados, e que podem ser chamadas de ações de ensino, têm de interagir com as ações das crianças, donas de um modo próprio de significar o mundo e a si mesma. Esse ponto reformula certas concepções de ensino que o colocam como movimento que parte do professor e toma a criança como mero receptor de suas mensagens, e amplia o olhar para as diferentes fontes de ensino (adultos, crianças e situações).

Com a turma observada no decorrer dos meses, a repetição de ações de adultos por parte das crianças foi notada, principalmente em atividades que necessitavam de uso de recursos. As ações dos adultos, eram reproduzidas pelas crianças, através da cultura de pares adaptadas por eles, para eles. A criança nesta etapa da infância está se conhecendo e se construindo a partir das vivências, desenvolvendo seu conhecimento, inteligência e características significativas do processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo, que segundo Oliveira (2013), são aspectos indissociáveis em qualquer atividade humana. Nesse processo é comum que a criança faça a reprodução de uma ação vivenciada por ela, tornando assim um passo de evolução e experiência através de atos representativos que remetem essa ação à possibilidade de consciência.

2.1 O processo de adaptação das crianças na entrada da Educação Infantil

Antes de abordarmos sobre a adaptação das crianças, é preciso situar o leitor quanto etapa da infância analisada é voltada para a faixa etária de bebês e crianças bem pequenas, compreendida entre 7 meses a 3 anos e 11 meses [na escola em questão, a criança mais nova tem 1 ano e 4 meses e a mais velha, 2 anos e 5 meses] o que já apresenta uma certa diferenciação

da fase de desenvolvimento de uma criança para a outra. Nesse sentido, o planejamento desta sala deve ser pensado de maneira que promova o desenvolvimento das interações e convivências das crianças, seguindo uma rotina que favoreçam o crescimento e desenvolvimento, focando nesses aspectos para um melhor norteamento do planejamento e a prática pedagógica do professor ao elaborar as atividades e brincadeiras que atendam ambas as idades.

Outro aspecto, é a afetividade no processo de ensino com crianças pequenas e bebês que pode proporcionar uma permanência mais confortável para a criança, tendo em vista que “O afeto é um regulador da ação, influenciando na escolha ou rejeição de determinados objetivos e na valorização de determinados elementos, eventos ou situações por parte da criança”. (Oliveira, 2013, p.109)

Assim, quando se trata do processo de primeira adaptação ao ambiente escolar é importante que os adultos demonstrem querer o bem estar desses indivíduos, no caso dos bebês, estes estão acostumados a proximidade e afeto materno, nesta fase inicial de ensino o berçário deve ser pensado em uma maneira de conectar a proposta afetiva com a segurança que carece ser também proporcionada a criança, não esquecendo que deve ser pensando para este processo uma proposta de aprendizagem que proporcione a criança acolhimento e respeito.

É importante ressaltar que o desenvolvimento, convivência e interação das crianças ocorrem de diversas maneiras e nos espaços nos quais estão inseridas, é preciso ainda que a criança tenha o interesse de participar de maneira voluntária o que é fundamental para a construção de sua identidade cultural e social. No entanto, no estágio, esta interação ocorria por vezes voluntária e por outras, não, tratando-se de uma turma que iniciava recentemente sua presença na escola, por estarem em processo de adaptação e novo ambiente e não o conhecido, no caso o ambiente familiar poderia apresentar diversas reações desde aceitação ao novo ambiente ou recusa do mesmo. A criança está em uma nova experiência da qual não compreende perfeitamente o que está acontecendo sendo colocados em uma rotina nova, o que requer um planejamento para o processo de adaptação da mesma. Oliveira (2013, p.164) aduz que,

A proposta de favorecer as interações sociais com seus pares de idade pode ajudar as crianças a controlar seus impulsos ao participarem no grupo infantil: internalizar regras, adaptando seu comportamento a um sistema de controle e sanções, ser sensível ao ponto de vista do outro e saber cooperar e desenvolver uma variedade de formas de comunicação para compreender sentimentos e conflitos e alcançar satisfação emocional.

Com novas experiências ocorrendo, as crianças podem estar diante de diversas situações, que podem resultar em um certo tipo de estranhamento por não ser algo já conhecido, é normal que se sintam desconfiadas em um primeiro momento, a criança está em uma fase onde se expressa o desconforto através de choro, já que é uma forma comum de comunicação nessa faixa etária. Portanto é necessário ter compreensão quanto às ações a serem tomadas para resolução de qualquer situação incomum para melhor adaptação da criança ao ambiente e suas relações. Outro aspecto que se destaca na acolhida e na adaptação das crianças para que se sintam confortáveis é ter em um espaço acolhedor com características que incentive a curiosidade, que seja, também, um auxiliador no bem-estar das crianças, atendendo suas necessidades e que esteja sempre de acordo com o desenvolvimento destas ao longo do ano,

acompanhando, assim, seu processo de crescimento, proporcionando novas descobertas e experiências.

Nessa perspectiva, na sala observada foi notado que os materiais utilizados apresentavam mais de uma experiência a ser desenvolvida, com possibilidades de reformulação ou adaptação para as crianças, ocasionando assim que os mesmos não se tornem repetitivos, pois como afirma Pais (1986), o cotidiano não pode se reduzir ao rotineiro e ao repetitivo, tendo em vista que o cotidiano é a intercepção entre o rotineiro e o acontecimento. Desse modo, eram apresentadas diversas opções a serem trabalhadas dentro do planejamento escolhido, mesmo sendo mantido um plano quase que total voltado para contações e musicalidade, não se tornava repetitivo a forma como era escolhido para trabalhar esses campos.

3 A ENTRADA NO CAMPO DE PESQUISA E AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA TURMA *LÓCUS* DO ESTÁGIO

O estágio, cenário deste estudo se deu na Educação Infantil, que a primeira etapa da educação básica, e a entrada das crianças às escolas, atualmente está dividida em três fases: Bebês, de zero a um ano e seis meses; Crianças Bem Pequenas, de um ano e sete meses a três anos e onze meses; e Crianças Pequenas, de quatro anos a cinco anos e onze meses (Brasil, 2018). O atendimento a crianças entre 0 e 5 anos por creches e pré-escolas, tornou-se dever do Estado a partir da Constituição Federal de 1988, estabelecida no art. 208, inciso IV, e em seu art. 211 o define como responsabilidade prioritária dos Municípios.

A partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, passou a integrar a Educação Básica, em conjunto com o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ainda com base na LDB (Brasil, 1996), esta afirma que essa etapa “[...] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A Escola Municipal de Educação Infantil em que foi realizado o estágio obrigatório, está localizada em um bairro periférico de Imperatriz, e foi instituída como intervenção social, objetivando uma melhoria social e econômica, permitindo aos pais trabalharem, enquanto deixam seus filhos em um local seguro e também melhora a situação de vida das crianças, permitindo o acesso à educação desde a primeira infância. Haddad (1991, p.108) afirma que,

A creche é um dos únicos serviços públicos destinados à população de baixa renda, que responde de uma forma diferenciada a vários itens das necessidades básicas das crianças (como cuidar, educar, alimentar), além de liberar a mulher para o trabalho e diminuir seus encargos no lar.

A turma observada foi uma sala mesclada, de Berçário I e II, e atendia crianças de 1 a 2 anos e meio, sendo a menor com 1 ano e 4 meses. Durante o período do estágio ofertamos não só cuidado e atenção a necessidades físicas, mas também educação e criação de um ambiente propício para o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e coletivo. Que também “[...] lhes assegure oportunidades de exploração e de construção de sentidos pessoais, que se preocupe com a forma pela qual elas estão se percebendo como sujeitos” (Oliveira, 2013, p.39).

No decorrer dos 3 meses (outubro a dezembro de 2022) que ficamos com a turma, o tempo foi dividido em duas partes, a observação e a regência. As visitas aconteciam duas vezes por semana, cada dia ficávamos 4h, totalizando ao final do estágio 88h. Durante o primeiro período, a observação durou aproximadamente 1 mês, não interferimos no que era feito e proposto pela professora da sala, apenas observamos e ajudamos com o que fosse necessário.

Esse período nos ajudou a refletir sobre as melhores maneiras de agir e no que intervir em sala de aula com as crianças, durante nossa regência.

Pimenta e Lima (2014, p.35) afirmam que, “O modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons.”, ou seja, ao observarmos as práticas da professora que já conhece as crianças e já sabe como interagir com elas, temos mais chances de sucesso durante nossa regência, seja por imitação ou por reelaboração da interação ou intervenção.

Já o período da regência, durou aproximadamente 2 meses, foi onde colocamos em prática as intervenções feitas através das informações colhidas durante a observação. Pimenta e Lima (2014, p.41) aduzem que,

De acordo com o conceito de *ação docente*, a profissão de educador é uma *prática social*. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo *prática e ação*.

Vale ressaltar que as práticas e ações de intervenções durante o período de estágio não tiveram como intenção criticar, apontar ou rotular a escola ou os profissionais atuantes nelas. Pelo contrário, durante nosso período de regência tínhamos como intuito, “[...] encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos dos sistemas de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais” (Pimenta; Lima, 2014, p. 43).

O estágio realizado trouxe algumas reflexões, tanto voltadas para o processo da prática de ensino quanto para a relação com o desenvolvimento da teoria. Com base no que foi adquirido neste curso o entendimento de que a prática aplicada era feita de acordo com as necessidades dos indivíduos e suas realidades, foi observado no decorrer dos dias acompanhados, a turma mantinha uma rotina que se alterava poucas vezes, sendo essas vezes voltadas para datas comemorativas ou ações de culminância em decorrência de temáticas que foram desenvolvidas em sala. Pois, “É fundamental, ao criar rotinas deixar uma ampla margem de movimento, senão encontraremos o terreno propício à alienação” (Barbosa, 2009. p.45).

A observação se manteve em todo o tempo desde o início, o que trouxe a conclusão de que o papel do professor regente, é estar em constante observação às ações infantis, mesmo que esteja exercendo outra função em sala, pois como afirma Oliveira (2011, p. 146 apud Zurawski, 2009) “Ao aprender a documentar suas observações e intervenções, o professor amplia seus saberes e constrói conhecimento profissional que pode impactar positivamente sua atuação”, ou seja, enquanto observamos o manejo da professora com as crianças, pudemos extrair do ambiente e das crianças informações que foram de grande importância para elaboração do que seria trabalhado durante o período de regência até mesmo como atender o objetivo dos trabalhos escolhidos e conciliar isso a como as crianças se comportam durante tais situações. Não esquecendo que por algumas vezes a abordagem escolhida sobre como trabalhar as etapas de contação ou musicalidade acabava mudando em sala para melhor atender as crianças.

A turma apesar de seguir um padrão de rotina, que periodicamente se alterava por datas comemorativas ou atividades que não seguiam o cronograma já estabelecido, estava sujeita a possibilidade de situações de estresse para as crianças. Isso se dava porque,

A repetição de certos enquadres, de certas ações, de determinadas práticas dão estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá

outra dá um certo sossego às pessoas, sejam elas grandes ou pequenas (Barbosa, 2009, p.44).

E quando existe uma quebra nessa rotina e acontece algo não esperado pela criança, temos abertura para um desequilíbrio que o bebê muitas vezes não está disposto a lidar. Com horários específicos para cada atividade, horário de brincadeiras e alimentação, a única que se mantinha flexível todos os dias de observação era a hora da brincadeira, as crianças têm essa liberdade a qualquer hora, não privando de sua liberdade em se expressar.

Quanto a alimentação das crianças, está se tornando aos poucos desordenadas, apesar de existir horários nem todos tinham esse segmento, optaram por brincar no horário do café e, após a primeira recusa não havia mais nenhuma tentativa, como se não fosse algo necessário as crianças que, muitas vezes, só se alimentariam de novo na hora do almoço escolar, causando um posterior estresse nas crianças. A alimentação é um fator fundamental para o bem-estar da criança, e nenhuma outra abordagem foi elaborada para resolução desta situação, por mais que nenhuma criança tenha passado por alguma situação de desconforto por este fato, ainda sim é uma questão a ser levada em consideração. Tendo em vista que para um bom funcionamento de seu cognitivo e um bom desenvolvimento, as crianças necessitam de horários de alimentação pré-estabelecidos (Montessori, 1937, p.82).

As crianças em um curto período de regência se apegam facilmente em relação a atividades desenvolvidas através de recursos, conexão criada para um melhor desenvolvimento do aprendizado delas. Utilizar brinquedos e fantoches como material não só de apoio, entendendo que para as crianças esses materiais foram indispensáveis por estar auxiliando a criança em seu processo de desenvolvimento e estimulando sua imaginação.

A importância da história no cotidiano das crianças é inquestionável. Ouvindo e, depois, criando histórias, elas estimulam sua capacidade inventiva, desenvolvem o contato e a vivência com a linguagem oral e ampliam recursos que incluem o vocabulário, as entonações expressivas, as articulações, enfim, a musicalidade própria da fala. (Brito, 2003, p. 161).

Durante o período final de regência as observações se tornaram voltadas para afetividade das crianças e a relação entre o começo do estágio e o período que se encerra, onde foi possível notar desenvolvimento significativo das crianças, tanto entre si, quanto entre os adultos ali presentes. Isto se deu porque, “O estabelecimento de vínculos entre a criança, o professor, os colegas e os objetos de conhecimento é possibilitado ou dificultado pelo afeto, que suscita motivos para a ação” (Oliveira, 2013, p. 109). Desse modo, o vínculo criado possibilitou a abertura de diálogo com as crianças e a construção de confiança das mesmas para com a nossa presença, suas questões como necessidades e afeto quando chegavam que no começo eram direcionados a auxiliar de turma e da metade para o final se tornou nosso primeiro contato do dia.

A boa relação foi construída à partir da observação feita na primeira semana, buscando sempre acolher e esperar que o contato partisse das crianças primeiramente quando estivessem

confortáveis, no final as atividades eram trabalhadas em segmento do que repassamos, inclusive suas comemorações eram compartilhadas quando obtinham sucesso em suas realizações.

4 A MUSICALIZAÇÃO E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA TURMA DO BERÇÁRIO

Trabalhar a musicalização na educação infantil é abrir espaço para a expressividade da criança e desenvolver sua coordenação motora, além de ser parte fundamental para a construção cultural da criança. (Bréscia, 2003. p. 15) explicita que,

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, além de contribuir para uma efetiva consciência corporal e de movimentação.

Na turma de berçário observada as crianças destinavam seus interesses para sons comuns de palmas, batucadas antes mesmo de interesse de canções com frases curtas em repetição, que atendiam também ao interesse da turma.

Observamos ao longo de nossa experiência com estes pequenos, um grande interesse e maior fixação de atenção, quando escolhemos utilizar as músicas e a contação de história, seja ela com auxílio de materiais de apoio, ou apenas do livro, entonação vocal e expressões faciais. Isso porque, eles ficavam extremamente atentos em nossos gestos e expressões, buscando posteriormente replicar com seus colegas durante a comunicação ou até mesmo a imitação (Augusto, s/a. p. 55).

A abordagem na sala de aula a partir de contações de história pretende fornecer a criança a ampliação de saberes, mesmo que de forma ainda simplificada de acordo com sua idade, ela pode desenvolver a ação e reprodução imaginativa diante daquilo que lhe contam, do que lhe chama atenção dentro da história, essa abordagem permite que a criança construa sua primeira relação com a oralidade trabalhada do adulto para a criança com o objetivo de ofertar possibilidades de crescimento no aprendizado a partir das histórias e desenvolver a comunicação. Abramovich (2009, p.17), aduz que,

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... é poder sorrir, rir gargarhar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões.

Assim, ao trabalhar a musicalização e a contação com as crianças, percebemos também, que elas se sentiam pertencentes aquele local, seja palpitando no que iria acontecer, ou imitando os sons que faziam, o que auxiliava no desenvolvimento da criatividade, concentração e percepção do que acontecia no desenrolar da situação em que estavam envolvidos (Alves, 2015).

5 CONCLUSÃO

No processo de estágio realizado, foi possível uma análise e construção de informações que enriqueceram o processo de formação, a entrada no campo da educação infantil com a

participação dentro da prática de ensino se tornou uma pauta fundamental para determinar a formação acadêmica almejada.

Pensando na participação na escola escolhida foi possível esclarecer ideias e teorias que colocadas em prática demonstravam uma execução resolutiva, pois como é de entendimento uma está atrelada a outra, nesse tempo de experiência de campo se faz necessário manter a reflexão que a educação infantil é um espaço explorado e recheado de teorias e pesquisas, mas que a cada nova experiência abre novas oportunidades para reformular ideias ou para criação de novas como meios de elevar mais ainda o nível educacional existente.

Durante nosso período de Estágio Supervisionado, pudemos observar como aconteceu a primeira experiência dos bebês e crianças no âmbito escolar, como elas foram acolhidas não só pelas professoras e assistentes, com afetividade e acolhimento, mas pela escola também que dava o suporte necessário.

Observou-se ainda a real importância do estabelecimento de rotinas semiflexíveis dentro da sala de aula do berçário, pois o fato de ser sua primeira experiência atrelado a sua pequena idade e maturação de entendimento, pode ser muita coisa para absorção e precisam de uma segurança do que irá ocorrer nos seus dias, o que acontecia sempre, pois eram bem acolhidos por todos os envolvidos durante a estadia na escola, desde auxiliares à gestora.

Durante a intervenção através de musicalização e contação, observamos que houve uma resposta muito positiva, não só em momentos onde tínhamos a intenção de ensinar-lhes algo, a musicalização conseguia relaxá-los até em momentos de muito estresse, onde muitas vezes o colo e afeto não eram suficientes para acalmá-los, concluindo assim a importância destes não só durante a aprendizagem, mas também para a regulação emocional.

Finalizamos esses momentos do estágio e essa pesquisa, extasiadas pelos ganhos de conhecimento e felizes por termos alcançado muitas respostas para as perguntas que apareceram durante essa experiência, tendo em vista que ao iniciar essa caminhada, muitas vezes nos sentíamos perdidas sobre como agir com crianças tão pequenas e como passar o conhecimento pretendido a elas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo, Scipione, 2009.
- ALVES, Mirella. **Música e Ação na Educação Infantil: orientações e atividades didáticas para o professor**. São Paulo, Ciranda Cultural, 2015.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A Linguagem Oral e as Crianças – Possibilidades de Trabalho na Educação Infantil**. Acervo digital. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/446/1/01d14t03.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB. 9394/1996**.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003
- CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GOMES, Marineide de O. G. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo, Cortez, 2009.
- HADDAD, Lenira. **A creche em busca da sua identidade**. São Paulo, Loyola, 1991.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo, Atlas, 2007.
- MONTESSORI, Maria. **El método de la Pedagogía Científica**. Barcelona, Casa Editorial Araluce, 1937.
- OLIVEIRA, Zilma de M. R. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez, 2013.
- _____. **Jogos de Papéis: um olhar para as brincadeiras infantis**. São Paulo, Cortez, 2011.
- PAIS, José Machado. **Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana: uma introdução**. *Análise Social*, v. XXII (90), n.1, 1986.
- PIMENTA, Selma G., LIMA, Maria S. L. **Estágio e Docência**. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2012.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo, Martins, 1991.